

Repositório ISCTE-IUL

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2019-04-01

Deposited version:

Post-print

Peer-review status of attached file:

Peer-reviewed

Citation for published item:

Oliveira, A., Amâncio, L. & Sampaio, D. (2004). Da desesperança ao desafio da morte... e à conquista da vida: olhar sobre o adolescente suicida. *Psychologica*. 35, 69-83

Further information on publisher's website:

<http://www.uc.pt/fpce/publicacoes/psychologica>

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: Oliveira, A., Amâncio, L. & Sampaio, D. (2004). Da desesperança ao desafio da morte... e à conquista da vida: olhar sobre o adolescente suicida. *Psychologica*. 35, 69-83. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

Use policy

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

DA DESESPERANÇA AO DESAFIO DA MORTE... E À CONQUISTA DA VIDA:
OLHAR SOBRE O ADOLESCENTE SUICIDA

Abílio Oliveira*

Lígia Amâncio**

Daniel Sampaio***

RESUMO

Actualmente o suicídio já não é um crime. É uma vergonha, uma perda que a família pode lamentar mas que deve esconder da sociedade. Tal como o sofrimento e a morte, é o maior interdito da nossa civilização. O que pode afectar o desenvolvimento de qualquer adolescente, que se quer conhecer a si mesmo e comunicar, envolto nas grandes questões existenciais, como a morte, o suicídio e o sentido da vida. O gesto suicida adolescente traduz sempre uma intolerável dor interior, de quem perdeu a esperança e não suporta mais a tensão, nem encontra uma alternativa válida pela vida. Em desespero, na busca de valores, limites e referências, o adolescente procura uma saída, desafia a morte e arrisca-se a morrer para tentar (sobre)viver, ganhar algum ânimo e direito à vida. Numa investigação recente verificámos que os adolescentes tendem a acentuar o profundo mal-estar que a morte suscita, representando-a com distanciamento pessoal, como «um fim» e não como «o fim», esperando que a vida, de algum modo, continue.

PALAVRAS-CHAVE: adolescência, morte, perda, desesperança, suicídio, para-suicídio

Introdução

“Que seja sonho apenas a esperança,
Enquanto a dor eternamente assiste,
E só engane a desventura!
Se em silêncio sofrer fora vingança!...
Envolve-te em ti mesma, ó alma triste,
Talvez sem esperança haja ventura!”

Antero de Quental *in Desesperança*

Em poucas palavras, Antero de Quental descreve, como poucos o conseguem, a dor intensa, o desespero ... e a desesperança que pode envolver, como um negro e denso manto, aquele que, com maior ou menor consciência, calca perigosamente a ténue orla psicológica que, por um lado, o impele a tentar a sua própria morte e, por outro, o incita a querer viver ou, em derradeiro esforço, a tentar sobreviver, na ambivalência de uma angustiante vertigem existencial que ele sabe dever, socialmente, dissimular.

* Eng. informático e psicólogo social. Professor Auxiliar no DCTI no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa. (abilio.oliveira@iscte.pt)

** Psicóloga Social. Professora Catedrática no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa.

*** Médico Psiquiatra. Professor Associado com Agregação na Faculdade de Medicina, Lisboa.

Na verdade, até meados do século XIX, por imposição da Igreja católica, o suicídio constituiu sempre um pecado e um crime, numa visão que marcou profundamente as suas representações e as atitudes em toda a Europa, fomentando preconceitos, crenças, superstições e medos que ensombraram todo o período medieval (*e.g.*, Alvarez, 2002; Minois, 1998; Moron, 1975; Stengel, 1980). Sem perder totalmente o estigma do pecado, o suicídio passou, desde então, a ser representado como uma vergonha, uma perda que a família pode lamentar mas que deve esconder, por si e pela sociedade, e o mesmo sucedeu com o sofrimento e a morte em geral, que se tornou no maior interdito da nossa civilização (*e.g.*, Ariès, 1989, 1992; Morin, 1988; Vovelle, 1983).

Esta interdição ou tabu ameaça insidiosamente a mente de qualquer adolescente, naturalmente assaltado pelas maiores dúvidas e certezas, num contínuo processo de crescimento, com avanços, recuos e experienciar de emoções (*e.g.*, Bouça, 1997; Costa, 1998; Braconnier e Marcelli, 2000; Campos, 2000; Sampaio, 1991, 1993) em permanente busca pelo conhecimento de si mesmo e (em geral) do sentido da vida.

Perspectivas e representações face à morte nas sociedades modernas

Actualmente, podemos considerar três quadros de representação típicos para a morte (*e.g.*, Oliveira, 1999, 2001b). Sinteticamente, a perspectiva científica tem como verdadeiro somente o que é observável, verificável e quantificável, com ou sem a ajuda de instrumentos tecnológicos. Pode olhar-se a morte do outro mas não a própria; releva-se o que é tangível e não a experiência pessoal. Sabe-se que o corpo morto será decomposto, desagregado e os seus átomos dispersados e reutilizados, num processo em que intervêm uma multiplicidade de seres vivos. Uma outra formulação genérica, presente em três (das doze grandes) tradições religiosas - cristã, judaica e islâmica - atribui ao ser humano uma alma individual imortal, que será punida ou recompensada em função das acções cometidas aquando da sua única passagem pela Terra. A terceira hipótese¹ refere também existir uma alma imortal, mas como reflexo de um princípio espiritual imperecível, e perspectiva a sua viagem no espaço e no tempo, através de inúmeras formas e contextos, de existência em existência humana, num percurso evolutivo, mudando de corpo tal como um actor muda de papel, fato e cenário.

Se nos centrarmos apenas no nosso (dito) mundo ocidental, nas sociedades modernas, verificamos que as representações da morte dominantes encontram-se, algures, entre a perspectiva característica da ciência e a da tradição judaico-cristã, marcadamente católica (*e.g.*, Ariès, 1989, 1992; Bradbury, 1999; Kastenbaum, 2001; Oliveira, 1999; Parkes *et al.*, 2003; Morin, 1988; Vovelle, 1983).

¹ A maioria dos povos e grandes movimentos culturais e civilizacionais da Antiguidade (Egipto, Grécia, Roma, *etc*) defenderam a reencarnação (*e.g.*, Luz, 1988). Actualmente, vários milhões de pessoas continuam a atribuir-lhe uma coerência lógica, como sucede entre as grandes manifestações de espiritualidade orientais, as principais religiões e filosofias Hindus, o Budismo, o Zoroastrismo, o Taoísmo e outras tradições religiosas (por exemplo, os sufis islâmicos, os cabalistas judeus e os cristãos esotéricos), bem como outras entidades e grupos ocidentais (*e.g.*, Oliveira, 1999)

Ainda que os adolescentes sejam obviamente influenciados pelas mesmas, resultados de uma nossa pesquisa recente levam-nos a admitir que estes podem partilhar representações diversas, abrangentes ou transculturais, englobando traços das três perspectivas atrás citadas (Oliveira, 2004; Oliveira, Sampaio e Amâncio, 2004).

De algum modo, a morte está sempre presente no nosso íntimo, suscitando múltiplas reacções e interrogações, às quais as ciências, as doutrinas filosóficas e as religiões, associadas a valores, crenças, atitudes, práticas ou superstições, procuram responder, tentando amenizar a dor, a ansiedade e o temor face a um poder dito incontornável, avassalador e inevitável. A medicina e as novas tecnologias oferecem-nos maior esperança de aqui viver mas não nos podem «salvar». E quanto mais progredimos na ciência, mais parecemos recluir e negar a realidade da morte (e.g., Kübler-Ross, 1991). Como, na nossa história mais recente, chegámos a esta situação?

Na Idade Média, todo o ser humano reconhecia a sua mortalidade e queria preparar-se serenamente para o seu *momentum*, para a *morte familiar*, deitado convenientemente na sua cama, seguindo os preceitos designados pela Igreja, rodeado de familiares, amigos e vizinhos, onde também participavam as crianças, numa cerimónia pública mas, num contexto social privado ou familiar, conforme se descreveu na *ars moriendi* ou *arte de bem morrer* (e.g., Ariès, 1989, 1992). Por volta dos séculos XII-XIV, a morte começou a ser vista não tanto como um destino colectivo mas, sobretudo, como o momento em que todas as particularidades da vida do indivíduo são analisadas, pesadas, escritas e julgadas, numa ponderação mais pessoal, interior e consciente da *morte de si próprio*.

Na época moderna (o cerimonial tradicional d) a morte aliou-se ao imagético-simbólico e ao erotismo, exprimindo a ruptura da ordem habitual. “A Humanidade começou a distanciar-se da morte em si mesma e esta assumiu uma expressão dramática, tensa, exaltada, contestada, espectacular (...) ocultando o afrouxamento das antigas familiaridades” (Oliveira e Amâncio, 1999, p. 214). O que verdadeiramente se receia é a *morte do outro* – a separação, inadmitida, da pessoa próxima ou amada. No século XIX a morte parecia estar em todo o lado, no luto, nos rituais, no culto da recordação e nas peregrinações aos grandes cemitérios, porém, com os progressos científicos a todos os níveis, dos cuidados médicos e da tecnologia, ia sendo cada vez mais afastada da esfera familiar. Em pleno século XX, a revolução de ideias e sentimentos foi de tal amplitude que a morte tornou-se realmente vergonhosa e interdita, ocupando o lugar antes destinado ao sexo. Percebeu-se claramente que ela não diferencia estatuto, posição ou classe: todos nós somos iguais... como mortais.

Teoricamente admitimos a nossa morte e providenciamos pelo futuro dos nossos entes queridos mas, na nossa prática diária, agimos como se fôssemos imortais e só conhecemos a nossa morte na morte do outro (e.g., Jankélevitch, 1977; Thomas, 1978, 1980). No nosso «mundo apressado» tendemos a esconder, disfarçar, fugir ou afastar o que nos afronta ou preocupa demasiado, sem que consigamos (ou queiramos) encontrar uma solução válida. Arriscamo-nos muito a morrer no leito de um hospital (ou afim), na sequência de um

acidente – forma de morrer mais comum entre os jovens –², doença ou velhice. Na tentativa de solucionar ou sair rapidamente de uma situação vista como irrevogável, pode também surgir o gesto suicida.

A morte trocou o lar familiar pela azáfama de um serviço de saúde e, ainda que na maioria dos casos suceda num contexto público, perdeu o carácter cerimonial e transformou-se num fenómeno técnico, por vezes ocultado pelos profissionais de saúde até à sua consumação, vivido pelo próprio como um acontecimento privado ou, mais correctamente, um acto solitário. Nos seus derradeiros momentos, a pessoa que perscruta a morte é escondida dos olhares, cuidados e sentimentos alheios, é isolada! E é habitual que ninguém (doente, familiar, médico, ...) queira referenciar a morte, ou quem está a morrer, imperando um silêncio sepulcral que trespassa a equipa hospitalar, a família, os amigos, ..., a sociedade, e que não ajuda ninguém.

Como pode um jovem adolescente (não) reagir ou ficar alheio a esta situação?

O afastamento da morte na adolescência

“A morte volveu-se perigosa, corruptora, igualitária, numa sociedade que incita à acumulação de bens, títulos e honras, que a morte dilacerará. Talvez por isso, os mortos que são efusivamente recordados, são os heróis, os líderes e os ídolos, vividos no seio do grupo como perdas irreparáveis”

(Oliveira, 2004, p. 93)

Em Portugal, não subsistem hoje mais do que vestígios da *ars moriendi*, em raras e dispersas pequenas localidades do interior, sendo por isso desconhecida ou estranha para uma grande parte dos adolescentes (*e.g.*, Coelho, 1991; Feijó *et al.*, 1985). A morte tornou-se distante, impessoal, medonha, ... vergonhosa. As crianças já não ficam perto da pessoa que está a morrer e tendem a ser afastadas do contacto com o morto; não raras vezes, os adolescentes também são «aconselhados a manter uma certa distância». As cerimónias fúnebres e muitas formalidades são quase sempre entregues a profissionais da morte. Hoje, pensamos que certos factos apenas sucedem aos «outros» e que morrer bem é, antes de mais, morrer a dormir, como mostram alguns estudos (*e.g.*, Oliveira, 1995, 1999) e sem dor. O que ajuda a perceber porque a ingestão medicamentosa excessiva é tão comum nas tentativas de suicídio. A morte continua a ser profundamente sentida no seio familiar mas perdeu-se o direito de o afirmar. As conhecidas manifestações de luto, antes obrigatórias e agora «desaconselhadas», vão desaparecendo. Um desgosto demasiado visível pode ser mórbido e inspirar repugnância (*e.g.*, Bradbury, 1999; Kastenbaum, 2001; Oliveira, 1995, 1999, 2004; Oliveira e Amâncio, 1998, 1999). Em especial a morte por suicídio, converteu-se no nosso maior tabu

² saliente-se que os suicídios são a segunda causa de morte dos jovens dos 15 aos 24 anos, portugueses e europeus, em geral, logo a seguir aos acidentes de viação (*e.g.*, Braconnier e Marcelli, 2000; Laufer, 2000; Macfarlane e McPherson, 2001; Pommereau, 2001; Sampaio, 2002; Saraiva, 1999)

(*e.g.*, Shneidman, 1996), "fundado nas ruínas do puritanismo, numa cultura urbanizada, dominada pela busca da felicidade ligada à do lucro e a um crescimento económico rápido" (Ariès, 1989, p. 62). A morte expõe-nos a incontabilidade do destino, numa sociedade que tende a renegar a imaginação, instigar ao prazer, felicidade e glória efémeras, e onde mais importa parecer do que ser.

É nos heróis, líderes ou famosos que mais nos revemos e lamentamos a fatalidade que nos aguarda. Se a morte, na geralidade, é silenciada ou, nalguns casos, alvo da maior (espectacularidade e) banalização, nomeadamente pela *sétima arte* e pelos *media*³, como sucede por exemplo nas situações de «guerra em directo» ou nos noticiários (*e.g.*, Santos, 1992; Oliveira, 1999), no caso destas pessoas (mitificadas), a morte é glorificada.

“E este é um facto particularmente relevante no decorrer da adolescência, enquanto cada jovem está a construir uma identidade e tanto se questiona sobre a morte e a vida, e como, num movimento de autonomia, procura incessantemente referenciais, na família, no grupo, nas figuras que conhece e nos ídolos que admira, por exemplo no desporto, no cinema ou na música. (...) Entre a glorificação desmedida e a interdição irracional generalizada, estas representações ambivalentes da morte não deixarão de o influenciar e ter alguma repercussão” (Oliveira, 2004, pp. 103-104).

O adolescente tende a abordar questões como a morte e o suicídio, em primeiro lugar, com os familiares mais próximos, antes de o fazer com os amigos ou algum professor (Sampaio, 1999; Sampaio *et al.*, 2000; Oliveira *et al.*, 2001). Em muitas situações percebe não ser possível falar sobre isso e que nem o deve tentar mas, também percebe que,

“na vivência intensa das dúvidas e pressões inerentes a crescer, na busca dos valores e limites, um modo de se experimentar, conhecer, apelar aos outros e a uma sociedade envergonhada na sombra da morte, é testar-se, arriscar além daquilo que é norma social, transgredir a sua própria segurança para ver até onde consegue chegar, nomeadamente através de comportamentos de risco” (Oliveira, 2004, p. 93).

Por conseguinte, o risco adolescente é glorificado, não somente no círculo de colegas e amigos mas, de forma abrangente, no seio de uma sociedade que continua obcecada pela juventude e por alcançar domínio sobre a morte e a vida, almejando à imortalidade física.

As representações da morte e as reacções à perda na adolescência

Na natureza, em tudo o que os nossos sentidos captam, mesmo que de modo inconsciente, na notícia que nos afronta, no felino que nos fita fixamente, no contacto com outras pessoas, no olhar de alguém que amamos ou de um desconhecido que nos encara, em algum dia, mais cedo ou mais tarde, seremos incapazes de negar ou iludir o desafio da morte. Para Platão, tudo o que observamos quando estamos despertos é a morte... que não é mais do que uma outra forma de sondarmos a vida. Como poderia tal passar despercebido ao adolescente que deseja ardentemente conhecer-se?

³ os *media* difundem ainda uma representação bastante negativa da morte: “excepting the deaths of celebrities, just about every death reported in the media is ‘bad’” (Bradbury, 1999, p. 162)

Na verdade, os adolescentes pensam muito na dor, morte e suicídio (e.g., Crepet, 2002; Frankel, 1999; Marcelli, 2002; Pommereau, 2001; Sampaio, 1991, 1993); “c’est parce que l’adolescent est un passionné de la vie qu’il s’intéresse tellement à la mort” (Hanus, 1998, p. 8). Os seus conceitos acerca destas questões existenciais estão intimamente ligados às suas ideias e imagens de morte na infância. A cognição da morte,

“entendida não só como exasperação da experiência dolorosa, mas também como evento em si, nasce espontaneamente no decurso do crescimento da criança, amadurecendo as defesas do eu durante o período mais delicado e decisivo do seu desenvolvimento; o conceito de morte faz parte da bagagem de curiosidade e de fantasia que a criança nutre no seu confronto com as coisas do mundo e constitui a premissa indispensável para uma construção adequada das suas defesas” (Crepet, 2002, p. 22).

Qualquer criança já pensa com grande frequência na morte (e.g., Bowlby, 1998; Clerget, 2001; Hanus, 1998; Holland e Rowland, 1990; Kastenbaum, 2001; Patros e Shamoo, 1989; Strecht, 2002) e na perda, podendo eventualmente ser confrontada com a falta de algum familiar próximo muito cedo. E logo aí se revela uma das faces negras do *interdito*, pois muitos adultos ao serem questionados⁴ pelas crianças, “evitam o tema, na esperança de as manter afastadas da dor e, principalmente, das suas próprias dúvidas, inseguranças, fantasmas e medos” (Oliveira e Araújo, 2002, p. 15).

Não desenvolvemos aqui os conceitos de morte e as reacções típicas à perda na infância e na pré-adolescência. Ao contrário de muitos autores, concordamos com Bowlby (1998) e Kastenbaum (2001), ao afirmarem que a criança pode começar a entender o significado da morte (como algo de irreversível) antes dos seis anos, se tivermos em conta vários factores, nomeadamente que ela se pode aperceber de várias mortes que observa e não somente da de um familiar próximo e que as suas ideias podem ser influenciadas por “tradições culturais de suas famílias e seus companheiros de escola” (Bowlby, 1998, p. 286). Não se sabe, em rigor, as representações que ela vai adoptando, mas sabe-se que cada criança reage à sua maneira, sofrendo sempre com a separação e a perda (e.g., Bowlby, 1998; Santos, 1991; Strecht, 2002). Tanto o que lhe é dito, como, não menos importante, o silêncio ou a repulsa, repercute-se no imaginário e influi no desenvolvimento infantil (e mais tarde adolescente). As crianças e adolescentes, na sua maioria, pensam e preocupam-se não só com a morte mas, também, com deus e a vida após a morte, relacionando estes três conceitos entre si (e.g., Moss, 1987).

Em qualquer caso, para se “interpretar e compreender as condutas suicidas levadas a cabo pelos adolescentes é preciso, portanto, partir desta curiosidade” (Crepet, 2002, p. 22) natural da criança, tantas vezes negada e camuflada pelos adultos. Muito do que o indivíduo alcançará como adolescente e em adulto, passa pela sua formação desde criança, a todos os níveis, e pelas interacções que estabelece com os outros, através das quais irá organizar e estruturar uma identidade, até perceber que ele mesmo é uma unidade que pode sentir, distinta e reconhecida pelos outros (e.g., Erikson, 1972).

⁴ e (sentindo-se) inquietados?

Em demanda de respostas para as grandes questões psicossociais, cada adolescente envolve-se num processo de (des)construção e criação que implica, por um lado, os pais e os grupos de pares (colegas e amigos)⁵ e, por outro, os ídolos e todos os que, directa ou indirectamente, contribuem para a conquista de uma autonomia, a definição de valores e de uma identidade (*e.g.*, Bouça, 1997; Fleming, 1993; Geldard e Geldard, 2000; Sampaio, 1991, 1993; Sprinthall e Collins, 1999). Nesta (habitualmente) longa travessia que liga o *ser criança* ao *ser adulto*, é preciso *morrer* para a *criança que se tem sido* e *nascer* para o *adulto que se há-de ser*, fortalecer a auto-confiança e a auto-imagem.

Na *Tabela 1* apresentamos uma possível síntese para os principais aspectos associados ao desenvolvimento psicossocial, bem como aos conceitos de morte e as reacções típicas à perda na adolescência (Oliveira, 2004).⁶

Tabela 1
Conceitos associados à morte e reacções associadas à perda na adolescência

DESENVOLVIMENTO COGNITIVO	DESENVOLVIMENTO PSICOSSOCIAL	CONCEITOS DE MORTE	REACÇÕES TÍPICAS (À PERDA)
operatório formal	. conformidade ao grupo de pares . maior autonomia . fortalec. de auto-imagem . formação da identidade	. morte como irrevogável, como parte do ciclo de vida fisiológico . descrença na morte de si mesmo	. negação, ira, revolta . depressão . somatização . quest. filosófico . oscilações de humor

No decorrer do seu desenvolvimento cognitivo, o adolescente alcança o domínio das operações formais, que o habilitam a ter pensamentos abstractos e raciocínios lógicos, para gerar hipóteses, manipular variáveis, elaborar os seus próprios pensamentos, relacionar conceitos, abordar questões sob diversas perspectivas e encontrar estratégias para as entender (*e.g.*, Holland e Rowland, 1990; Papalia *et al.*, 2001; Piaget, 1977, 1978; Sprinthall e Collins, 1999; Sprinthall e Sprinthall, 1993). O adolescente percepção a morte como irrevogável, enquadrando-a como etapa natural do ciclo de vida fisiológico, ainda que não domine o conceito em si, e não pense nem admita a hipótese dele mesmo morrer (*e.g.*, Laufer, 2000; Pommereau, 1998; Sampaio, 1991), o que encontra correspondência no anseio humano de imortalidade (*e.g.*, Oliveira, 1995, 1999, 2004; Oliveira e Amâncio, 1998, 1999; Sampaio, 1991, 1999).

Assim, as representações da morte e da vida, podem variar de acordo com vários factores, em particular a capacidade cognitiva, a experiência pessoal, o contexto social, o desenvolvimento afectivo e psicossocial, o que, em grande medida, se liga à sua herança religiosa, ideológica, moral e cultural.

⁵ os grupos de pares (e a escola) são essenciais, ao fomentar a socialização, facilitar a partilha de ideias, valores e normas (não transmitidas pelos pais), problemas, segredos e experiências, a vários níveis, entre jovens em idêntica fase de desenvolvimento (*e.g.*, Braconnier, 2003; Coleman, 1995; Heaven, 1994; Papalia *et al.*, 2001; Sampaio, 1993)

⁶ Esta é a adaptação de uma tabela mais detalhada, abarcando o desenvolvimento dos conceitos associados à morte e as reacções típicas à perda nas várias fases do desenvolvimento humano, apresentada num outro trabalho (Oliveira, 2004)

Na investigação que realizámos recentemente com adolescentes escolarizados, de ambos os sexos, entre os 15 e os 18 anos (*cf.* Oliveira, 2004; Oliveira, Sampaio e Amâncio, 2004), verificámos que entre as principais representações sociais da morte salientam-se os pensamentos e sentimentos de mal-estar, associados a perda, saudade, dor, medo, tristeza, isolamento, solidão ou desespero, o ritual funerário e a vivência de proximidade com *o outro*. A morte é, “em muito, representada pelos *sentimentos* que desperta, e objectivada em *causas concretas*, como «um fim» e não como «o fim», esperando-se existir *continuidade, vida* para além do *desconhecido*” (Oliveira, 2004, p. 318), que não se pode controlar. Encontramos então representações sociais que congregam dimensões presentes nas três perspectivas actuais sobre a morte e a perda. Quer face à morte, quer face ao suicídio, as raparigas denotam, mais claramente do que os rapazes, sentimentos de mal-estar, perda, compaixão, solidão e proximidade com o familiar ou amigo, bem como um sentido ritualista e de práticas sociais associadas; “eles denotam menor extroversão de sentimentos do que elas mas, realçam mais as causas da morte ou do suicídio” (Oliveira, 2004, p. 408). O que não pode deixar de se relacionar com os estereótipos femininos e masculinos, e com os modos de ser e de estar histórica, cultural e socialmente atribuídos a cada um destes grupos sociais, segundo o modelo da assimetria simbólica (Amâncio, 1989, 1994, 2004).

As reacções de um adolescente à perda de uma pessoa amada ou importante para si, dependerão do seu próprio percurso (em especial se já houve outras perdas) pessoal, familiar e (psico)social em que ocorre; e são difíceis de tipificar, pois os sintomas de dor, sofrimento e o processo de luto, pode diferir do que é mais habitual num adulto (*e.g.*, Clerget, 2001; Kastenbaum, 2001). O choque, a descrença ou negação, a tristeza ou angústia, a ira, raiva, zanga ou revolta, a culpa e a depressão, encontram-se entre as reacções (ou fases) mais comuns (sem que estas tenham uma ordem precisa), que precedem uma reorganização interior e uma nova forma de viver, quando a ansiedade vai cedendo lugar a uma relativa tranquilidade e à aceitação da perda.

“Le déroulement du deuil chez l’adolescent est assez proche de celui des adultes en particulier pour la période dépressive centrale car la dépression de l’adolescent ressemble davantage à celle des adultes qu’à celle des enfants. Mais la terminaison en est plus problématique. En effet le travail de deuil qui se déroule à l’intérieur est beaucoup plus proche de celui des enfants” (Hanus, 1998, p. 8).

A *morte próxima* pode gerar um tremendo sofrimento e sensação de separação, associada à contraditória e difícil necessidade de desvinculação (*e.g.*, Bowlby, 1998). Para além disso, qualquer adolescente depara-se ainda com uma série de perdas, quer fantasmáticas quer reais, comparáveis ao processo de luto (*e.g.*, Marcelli, 2002), que o remetem sempre e de modo inadiável, para um confronto ou encontro simbólico com a morte (e o morrer), ligado a formas de a representar.

Ainda que as representações da morte na adolescência realcem as ambivalências ou oscilações emocionais e de comportamento típicas neste período (*e.g.*, Bossa, 2000; Bouça, 1997; Braconnier e Marcelli, 2000; Campos, 2000; Clerget, 2001; Crepet, 2002; Laufer, 2000;

Marcelli, 2002; Sampaio, 1991, 1993)⁷, podem ser confundidas, pelas reacções do adolescente, com aparente indiferença, lentidão, sintomas depressivos, agressividade ou hiperactividade (Chabrol, 1990). Porém, qualquer das reacções possíveis mascara ou expõe um profundo mal-estar interior. A morte leva-o a pensar no enigma da finitude e na inefável intangibilidade da própria vida, o que, inevitavelmente, gera inúmeras dúvidas, suposições, reflexões.

Na procura de si mesmo (na construção de uma personalidade) e de algum sentido para todas as coisas, como poderia o adolescente não sentir, então, necessidade de falar sobre si e tudo isso? Como poderia fingir que nada se passa quando o seu olhar continua inquieto, ávido de (in)formação, e o seu corpo, em constante transformação, ainda não desistiu de querer viver, nem se conforma à insensibilidade de uma vivência monótona, oca? Como poderia deixar de tentar comunicar, dialogar? E como reage a «sociedade», tantas vezes, à urgência desse apelo? A dissimulação, o silêncio ou as banalidades, podem dificultar, ainda mais, o processo desenvolvimental do adolescente e não ajudam a “evitar que muitos jovens se isolem e desistam de viver, ao tropeçar nos problemas, desilusões e dificuldades que, inevitavelmente, surgem” (Oliveira, Amâncio e Sampaio, 2001, p. 519). A desesperança está intimamente ligada à depressão⁸, à ideação suicida (*e.g.*, Beck *et al.*, 1993; Gastel *et al.*, 1997) e, ainda mais, à intenção suicida e às tentativas de suicídio, como mediadora entre a depressão e o suicídio (*e.g.*, Velting, 1999). Uma sociedade “mais hedonista, competitiva e individualista, vazia de sentido cultural, não é de certeza uma sociedade facilitadora de equilíbrio, talvez sim, de depressividade” (Santos e Sampaio, 1997, p. 193).

A morte de uma pessoa próxima, em particular se for por suicídio, pode mesmo revelar-se um factor de risco na adolescência e, nalguns casos, constituir um factor precipitante para graves comportamentos para-suicidas ou suicidas (*e.g.*, Alvin, 1998; Laufer, 2000; Macfarlane e McPherson, 2001; Sampaio, 1991, 1999, 2002; Saraiva, 1999; Vallejo-Nágera, 2003).

O adolescente suicida

“Glad to see you wide awake / this is the great escape
from a life that tried to mould you / and the lie it sold you
What would you do? / what wouldn't you do? (...)
Spill a tear as your sense of self slowly melts away
Until death's mirror reflects / the meaning of our lives
we wander aimless and mesmerised / as the fear starts to rise”
(Anathema *in Balance*, 2003)

⁷ verifica-se uma intensa vivência emocional (típica na adolescência) no decorrer da qual tudo pode assumir dimensões desproporcionadas, sendo comuns os estados de exaltação, euforia, ansiedade, tensão, tristeza ou depressão, ainda que a maioria dos jovens os ultrapasse naturalmente

⁸ as ideias suicidas e o desejo de morrer são muito mais frequentes entre os adolescentes deprimidos, e 50% a 70% dos adolescentes com tentativas de suicídio mostram problemáticas depressivas evidentes (*e.g.*, Marcelli, 2002)

Para lá do contexto e das representações ligadas ao gesto suicida, este veicula sempre uma intolerável dor interior, de quem não suporta mais a tensão, perdeu a esperança e não encontra uma alternativa válida pela vida (*e.g.*, Crepet, 2002; Haim, 1969; Laufer, 2000; Macfarlane e McPherson, 2001; O'Connor e Sheehy, 2000; Robbins, 1998; Sampaio, 1991, 2002, 2002b; Schneidman, 1981). Revela um fracasso individual, familiar e social (*e.g.*, Shneidman, 1981). O adolescente em desespero vê no suicídio a única solução mas, ainda assim, quer morrer e viver ao mesmo tempo, (*e.g.*, Blackburn, 1982; Hanus, 1998; Oliveira, 2001; Sampaio, 1991, 2000; Schneidman, 1981, 1987, 1996).

“A autodestruição surge após múltiplas perdas, fragmentos de dias perdidos ao longo dos anos, rupturas, pequenos conflitos que se acumulam hora a hora, a tornar impossível olhar para si próprio. O suicídio é uma estratégia, às vezes uma tática de sobrevivência quando o gesto falha, tudo se modifica em redor após a tentativa. E quando a mão, certa, não se engana no número de comprimidos ou no tiro definitivo, a angústia intolerável cessa naquele momento e, quem sabe, uma paz duradoura preenche quem parte. Ou, pelo contrário e talvez mais provável, fica-se na dúvida em viver ou morrer, a cabeça hesita até ao último momento, quer-se partir e continuar cá, às vezes deseja-se morrer e renascer diferente” (Sampaio, 2000, p. 152).

O gesto suicida traduz-nos diversos significados atribuídos à morte.

“Encontramos, assim, jovens para quem o gesto suicida permite encarar a morte como refúgio, como local de encontro com alguém que se perdeu, como forma de destruir uma parte de si próprio sentida como incontrolável; noutra dimensão, o suicídio aparece como desafio ou vingança face a alguém a quem se está profundamente ligado; em derradeira análise, considero que o gesto suicida adolescente é uma tentativa de triunfo sobre as limitações humanas” (Sampaio, 1999, p. 12).

No âmbito das limitações que se querem encontrar e superar, também se destacam os parasuicídios – que incluem os comportamentos de risco e de auto-agressão⁹ –, cada vez mais frequentes nas nossas sociedades (*e.g.*, Saraiva, 1999). Aqui o adolescente não visa a morte mas, conforme a gravidade da situação, pode arriscar-se a morrer (*e.g.*, Saraiva, 1999; Oliveira, 2004; Oliveira, Amâncio e Sampaio, 2001). Em especial alguns comportamentos de risco, incluindo certos desportos radicais, expressam-se pela

“procura de sensações fortes, onde a emocionalidade parece jogar-se nos limites da vida, despertando evocações contraditórias que abraçam o prazer absoluto, por um lado, e o pânico com a sensação de ausência total de referenciais com a própria vida” (Rodrigues, 1997, pp. 30-31).

Por um lado, observamos que crescer implica arriscar, testar-se, encontrar novos limites, ultrapassá-los e ampliar a consciência, aprendendo. Mas, por outro, a busca destas emoções, onde o jovem pode rapidamente debater-se, em simultâneo, entre morrer e viver, revela um carácter predominantemente simbólico de aproximação à morte e suscita um sentimento de identidade renovado. “É como se uma pessoa que desafia a morte ficasse com o direito a viver e com mais razão para sobreviver” (Sampaio, 1997, p. 98), “encontrando uma forma de

⁹ a auto-agressão ou auto-mutilação, como causa de morte, é mais frequente dos 15 aos 19 anos, do que em qualquer outro grupo etário (*e.g.*, Weiner, 1995)

afirmação, valorização e reconhecimento social, em especial junto do seu grupo de pares e de conquistar auto-estima, conferindo algum sentido à vida” (Oliveira, 2004, p. 81). Estes riscos, ainda que demasiado perigosos, correm-se no contexto psicossocial da luta intensa por autonomia e uma identidade, alicerçada em princípios, valores e normas. Num sentido complementar, também decorrem de uma noção incorrecta da morte ou, melhor, da própria morte, vista com distanciamento emocional e elevado grau de improbabilidade (e.g., Oliveira, 1995, 1999, 2004). Em nenhum caso a *conspiração do silêncio* é útil ao adolescente que, por vezes, recorre a situações ou comportamentos *limite*, de risco crescente, para implorar a atenção¹⁰ que de outro modo não parece obter. Desafia-se a morte e arrisca-se morrer para se conseguir (sobre)viver (e.g., Hanus, 1998; Lightfoot, 1997; Rodrigues, 1997; Sampaio, 1991, 1993, 1997, 1999) e ter ânimo para prosseguir.

Se um(a) jovem morre por suicídio, entre múltiplas causas possíveis, “é porque não conseguiu encontrar razão e estímulo para viver, não suportou as suas preocupações, não foi capaz de perceber a vida ou não encontrou quem o auxiliasse a equilibrar-se” (Oliveira *et al.*, 2001, p. 47). E então, um pedaço de nós morre também com ele, pois, ainda que se morra em solidão, *ninguém morre sozinho* (e.g., Sampaio, 1991, 2002).

A importância da educação para a dor, a morte e o suicídio

Tal como é essencial proporcionar a oportunidade de diálogo sobre a dor, a morte e o suicídio, é igualmente fundamental que quem passa por uma experiência de (algum tipo de) morte, em especial um jovem, sinta poder deixar fluir a tristeza, chorar se tiver vontade, mostrar a sua revolta, exprimir a dor e revelar o luto..., sem ser criticado, silenciado ou afastado. O sofrimento pode mesmo constituir uma oportunidade de aprendizagem. E as perturbações psicológicas podem ter uma repercussão física ou somatização (cf. Tabela 1). O que nos impede de escutar e criar laços de proximidade?

Após a fase em que as emoções afloram abruptamente, é possível entender o significado que estas ocultam (sobre nós e os outros). A morte pode levar-nos à auto-reflexão, tornar-nos mais fortes e corajosos. A consciência da morte leva-nos a valorizar a vida. Podemos optar entre educar para a morte, a simplicidade e a autenticidade ou, então, educar na ignorância da morte, para a felicidade fugaz e a mentira.

“Ao olharmos para muitos adolescentes e ao investigarmos as representações que cada um nos relata e comunica, parecemos ver ainda por vezes uma criança que, no seu íntimo continua a desbravar a maturidade, titubeante face às novas realidades com que se debate mas, sôfrega por se entender e despertar adulta” (Oliveira, 2004, p. 111).

E ocorre-nos na memória uma afirmação de João dos Santos:

¹⁰ no bom sentido

"Que os homens que guardam da sua infância a experiência inédita, que interiorizam o movimento, o sentir, o amor, que construíram um mundo seu, o abram aos outros, que o abram às crianças. Para que haja AMOR, para que haja DIÁLOGO (...). Apelamos para que os Homens que sabem que NASCER, VIVER, MORRER, são apenas aspectos de uma forma de pensar que ilude a fantasia, de uma forma de sentir que ilude o pensar... ajudem as crianças que ainda o são AGORA, a enriquecer o seu mundo interior com vivências que tornem menos dura e menos só, a hora da morte. Para que as crianças nasçam como seres humanos e vivam como pessoas, antes que as matem ou que se matem como seres sensíveis e inteligentes" (Santos, 1991, pp. 317-318).

A educação é o mais firme apoio para a criança que atravessa a adolescência até se tornar adulta, descobrindo a plenitude de ser humano – “com ele só tenho o direito, que é ao mesmo tempo um dever: o de o ajudar a ser ele próprio” (Silva, 1996, p. 8).

A educação para a morte e o suicídio tem uma importância primordial, e o espaço escolar é mesmo dos mais necessários para a prevenção¹¹ (e.g., GAP, 1996; Oliveira, Amâncio e Sampaio, 2001; Patros e Shamoo, 1989; Sampaio, 1996), uma vez que é aí que os jovens passam grande parte do seu tempo, e encontram-se também aí

“facilmente os diferentes sistemas implicados no processo: os jovens, os professores e os pais. É no convívio com os companheiros de escola que muitas vezes se partilham os segredos e se comunicam ideias de morte. É também na escola que frequentemente aparecem os primeiros sintomas de depressão” (Santos e Sampaio, 1997, p. 193).

“Passamos por uma época perturbada e desmorteada. Precisamos de contactar e conhecer, profunda e afectuosamente, a Vida” (Oliveira, 1999, p. 182).

“Talvez ao aceitar a sua própria morte, e a dos outros, o ser humano possa atenuar a tristeza e diminuir a dor e o sofrimento que daí advém, encontrando um ponto de reflexão que o auxilie a melhor se conhecer, respeitar e viver, atribuindo uma maior importância a cada momento, aparentemente insignificante. Poderemos, eventualmente, entregar-nos completamente ao presente, para melhor aprender e ensinar, sem reçar o futuro ou os desígnios do destino, na eternidade dos tempos” (Oliveira e Amâncio, 1999, p. 231).

Ainda que a tentemos repelir, a morte mantém-se demasiado perto. Alguns adolescentes aproximam-se perigosamente dela... e, por paradoxal que pareça, pensam na morte e desafiam-na para a afastar, para sentir que estão a viver e conquistar (esperança para) a vida.

¹¹ “A forma de actuar, o que dizer e o que implementar, as verdadeiras necessidades, dúvidas e aspirações dos rapazes e das raparigas, e o modo como pensam, sentem e representam a morte e o suicídio, constituem algumas das razões, pelas quais, é tão importante o trabalho de prevenção e o estudo das representações sociais da morte e do suicídio na adolescência” (Oliveira, Amâncio e Sampaio, 2001, p. 519).

ABSTRACT

Nowadays suicide is not a crime. It is a shame, a loss that the family can lament but must hide from society. Such as suffering and death, suicide is the biggest interdict of our civilization. This can affect the development of any adolescent, who tries to construct an identity and to communicate with others, questioning death, suicide and the meaning of life. The adolescent suicidal behaviour always transmits an intolerable inner pain, tension and sense of hopelessness, with no valid alternative for life. In despair, searching for values, limits and references, the adolescent defies death and risks to die, as a way to survive and to deserve to live. In our recent empirical investigation, we verified that adolescents tend to accent the deep malaise associated to death, representing it with personal distance, as «an end» and not as «the end», hoping for some kind of life after death.

KEY-WORDS: adolescence, death, loss, hopelessness, suicide, parasuicide

BIBLIOGRAFIA

- Alvarez, A. (2002). *O Deus Selvagem - um estudo sobre o suicídio*. Lisboa: Presença.
- Amâncio, L. (1989). *Factores Psicossociológicos da Discriminação da Mulher no Trabalho. Tese de Doutoramento*. Lisboa: ISCTE.
- Amâncio, L. (1994). *Masculino e Feminino: A construção social da diferença*. Porto: Afrontamento.
- Amâncio, L. (2003). *Género e assimetria simbólica. O lugar da história na psicologia social*. In L. Lima, P. Castro & M. Garrido (Eds.), *Temas e Debates em Psicologia Social*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Ariès, P. (1989). *História da Morte no Ocidente*. Lisboa: Teorema.
- Ariès, P. (1992). *O Homem perante a Morte (I e II)*. Lisboa: Publ. Europa-América.
- Beck, A., Steer, R., Beck, J. & Newman, C. (1993). Hopelessness, depression, suicidal ideation and clinical diagnosis of depression. *Suicide and Life-Threatening Behavior*, 23, 139-145.
- Blackburn, B. (1982). *What you should know about suicide*. Waco-Texas: Word Books.
- Bossa, N. (2000). O normal e o patológico na adolescência. In V. Oliveira & N. Bossa (Eds.), *Avaliação psicopedagógica do adolescente*. Petrópolis: Vozes (4ª ed.).
- Bouça, D. (1997). *Madrugada de lágrimas - Depressão na adolescência*. Porto: Edinter.
- Braconnier, A. & Marcelli, D. (2000). *As mil faces da adolescência*. Lisboa: Climepsi.
- Braconnier, A. (2002). *Guia da Adolescência - primeiro volume*. Lisboa: Prefácio.
- Braconnier, A. (2003). *Guia da Adolescência - à procura da identidade*. Lisboa: Prefácio.
- Bradbury, M. (1999). *Representations of Death*. London and New York: Routledge.
- Campos, D. (2000). *Psicologia da Adolescência*. Petrópolis: Vozes (17ª ed.).
- Chabrol, H. (1990). *A Depressão do Adolescente*. São Paulo: Papirus.
- Clerget, S. (2001). *Não estejas triste meu filho*. Porto: Ambar.
- Coelho, A. (1991). *Atitudes perante a morte*. Coimbra: Minerva.
- Coleman, J. (1995). Adolescence. In P. Bryant & A. Colman (Eds.), *Developmental Psychology*. New York: Longman.
- Costa, M. (1998). *Novos encontros de Amor*. Porto: Edinter.
- Crepet, P. (2002). *A dimensão do vazio*. Porto: Ambar.
- Erikson, E. (1972). *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar Ed.
- Feijó, R. J., Martins, H., e Pina Cabral, J. (orgs.) (1985). *A morte no Portugal contemporâneo*. Lisboa: Editorial Quercus.

- Fleming, M. (1993). *Adolescência e autonomia - o desenvolvimento psicológico e a relação com os pais*. Porto: Afrontamento.
- Frankel, R. (1999). *The adolescent psyche*. New York: Routledge.
- GAP (1996). *Adolescent Suicide*. Washington: American Psychiatric Press (formulated by the Committee on Adolescence, Group for the Advancement of Psychiatry, Report N° 140).
- Gastel, A., Schotte, C. & Maes, M. (1997). The prediction of suicidal intent in depressed patients. *Acta Psychiatrica Scandinavica*, 96, 254-259.
- Geldard, K. & Geldard, D. (2000). *Counselling Adolescents*. London: SAGE.
- Haim, A. (1969). *Les Suicides d'Adolescents*. Paris: Payot.
- Hanus, M. (1998). Éditorial. In M. Hanus. (Ed.), *L'adolescent et la mort. Études sur la mort*, 113. Paris: L'esprit du temps.
- Heaven, P. (1994). *Contemporary adolescence - a social psychological approach*. Melbourne: Macmillan Educ. Australia.
- Hennezel, M. (1997). *Diálogo com a morte*. Lisboa: Ed. Notícias.
- Holland, J. & Rowland, J. (1990). *Handbook of Psychooncology*. New York: Oxford Univ. Press.
- Jankélevitch, V. (1977). *La mort*. Paris: Flammarion.
- Kastenbaum, R. (2001). *Death, Society and Human Experience*. Boston: Allyn & Bacon (7th ed.).
- Kübler-Ross, E. (1991). *Sobre a Morte e o Morrer*. São Paulo: Livraria M. F.
- Laufer, M. (2000). *O adolescente suicida*. Lisboa: Climepsi.
- Lightfoot, C. (1997). *The culture of adolescent risk-taking*. New York: Guilford Press.
- Luz, H. (1988). *A reencarnação desvendada*. Lisboa: Centro Lusitano de Unificação Cultural.
- Macfarlane, A. & McPherson, A. (2001). *Adolescentes: da agonia ao ecstasy*. Lisboa: Europa-América.
- Marcelli, D. (2002). *Os estados depressivos na adolescência*. Lisboa: Climepsi.
- Minois, G. (1998). *História do suicídio*. Lisboa: Teorema.
- Morin, E. (1988). *O Homem e a Morte*. Lisboa: Publicações. Europa-América.
- Moron, P. (1975). *O suicídio*. Lisboa: Publ. Europa-América.
- Moss, S. (1987). Children's Concepts of God, Death and Life After Death. In J. Schowalter *et al.* (Eds.), *Children and Death - Perspectives from Birth to Adolescence*. New York: Praeger Publishers.
- O'Connor, R. & Sheehy, N. (2000). *Understanding suicidal behaviour*. London: British Psychological society.
- Oliveira, A. (1995). Percepção da Morte: a realidade interdita. *Tese de Mestrado*. Lisboa: ISCTE.
- Oliveira, A. (1999). *O Desafio da Morte - convite a uma viagem interior*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Oliveira, A. (2001). *Sobre Viver*. Lisboa: Âncora.
- Oliveira, A. (2001b). Morte - Um (grande) Desafio ao Nada. In M. Caeiro (Ed.), *Nada vezes nove*. Lisboa: extra]muros[.
- Oliveira, A. (2004). Ilusões: A Melodia e o Sentido da Vida na Idade das Emoções - Representações sociais da morte, do suicídio e da música na adolescência. *Tese de Doutoramento*. Lisboa: ISCTE.
- Oliveira, A. & Amâncio L. (1998). Pertenças sociais e formas de percepção e representação da morte. *Psicologia*, XII (1), 115-137.
- Oliveira, A. & Amâncio L. (1999). A influência do contexto na percepção e nas representações sociais da morte. *Psicologia*, XII, 2, 213-235.
- Oliveira, A. & Araújo, G. (2002). Quando a morte chega demasiado cedo. *Biosofia*, 14, 15-18.

- Oliveira, A., Amâncio L. & Sampaio, D. (2001). Arriscar Morrer para Sobreviver. *Análise Psicológica*, XIX, 4, 509-521.
- Oliveira, A., Sampaio, D. & Amâncio, L. (2004). Perscrutando o fim... - Representações sociais da morte e do suicídio na adolescência. In J. Vala, M. Garrido & P. Alcobia (Eds.), *Percursos da investigação em Psicologia Social e Organizacional*. Lisboa: Fenda (no prelo).
- Oliveira, A., Vinagre, M., Gouveia-Pereira, M., Santos, N., Ordaz, O. & Sampaio, D. (2001). As Preocupações dos jovens face ao Suicídio - Representações sociais do suicídio na adolescência. *Psiquiatria Clínica*, 22, (1), 41-48.
- Parkes, M., Laungani, P. & Young, B. (2003). *Morte e Luto através das Culturas*. Lisboa: Climepsi.
- Patros, P. & Shamoo, T. (1989). *Depression and suicide in children and adolescents*. Boston: Allyn and Bacon.
- Piaget, J. (1977). *Problemas de psicologia genética*. Lisboa: D. Quixote.
- Piaget, J. (1978). *Seis estudos de psicologia*. Lisboa: D. Quixote.
- Pommereau, X. (1998). *Quando o adolescente se sente mal....* Lisboa: Terramar.
- Pommereau, X. (2001). *L'adolescent suicidaire*. Paris: Dunod.
- Robbins, P. (1998). *Adolescent Suicide*. North Carolina: McFarland & Comp.
- Rodrigues, A. (1997). Valores e representações corporais em culturas juvenis escolares. *Tese de Mestrado*. Lisboa: FMH-UTL.
- Sampaio, D. (1991). *Ninguém morre sozinho*. Lisboa: Caminho.
- Sampaio, D. (1993). *Vozes e Ruídos*. Lisboa: Caminho.
- Sampaio, D. (1996). *Voltei à Escola*. Lisboa: Caminho.
- Sampaio, D. (1997). *A cinza do tempo*. Lisboa: Caminho.
- Sampaio, D. (1999). Prefácio. In A. Oliveira (1999). *O Desafio da Morte*, Lisboa: Editorial Notícias.
- Sampaio, D. (2000). *Tudo o que temos cá dentro*. Lisboa: Caminho.
- Sampaio, D. (2002). *Ninguém morre sozinho*. Lisboa: Caminho (12^a ed. actualizada).
- Sampaio, D. (2002b). Intervenção familiar em adolescentes suicidas. *Psychologica*, 31, 85-92.
- Sampaio, D., Oliveira, A., Vinagre, M., Gouveia-Pereira, M., Santos, N., & Ordaz, O. (2000). Representações sociais do suicídio em estudantes do ensino secundário. *Análise Psicológica*, XVIII, 2, 139-155.
- Sampaio, M. (1999). Representações sociais do suicídio nos jovens. *Monografia*. Lisboa: ISPA.
- Santos, J. (1992). *O que é comunicação*. Lisboa: Difusão Cultural.
- Santos, N. & Sampaio, D. (1997). Adolescentes em risco de suicídio: a experiência do Núcleo de Estudos do Suicídio. *Psiquiatria Clínica*, 18 (3), 187-194.
- Saraiva, C. (1999). *Para-suicídio*. Coimbra: Quarteto.
- Shneidman, E. (1971). You and death. *Psychology Today*, 5 (1), 74-80.
- Shneidman, E. (1981). *Suicide Thoughts and Reflections, 1960-1980*. London: Human Sciences Press.
- Shneidman, E. (1996). *The suicidal mind*. Oxford: Oxford Univ. Press.
- Silva, A. (1996). *Educação de Portugal*. Porto: Ulmeiro (orig. publ. 1970).
- Sprinthall, N. & Collins, W. (1999). *Psicologia do Adolescente - Uma abordagem desenvolvimentista*. Lisboa: F. C. Gulbenkian.
- Sprinthall, R. & Sprinthall, N. (1993). *Psicologia Educacional: Uma abordagem desenvolvimentista*. Lisboa: McGraw-Hill.
- Stengel, E. (1980). *Suicídio e tentativa de suicídio*. Lisboa: Dom Quixote (orig. 1964).

Strecht, P. (2002). *Interiores*. Lisboa: Assírio & Alvim.

Thomas, L.-V. (1978). *Mort et pouvoir*. Paris: PBP.

Thomas, L.-V. (1980). *Anthropologie de la mort*. Paris: Payot.

Vaillant, M. (2000). *O Adolescente no Quotidiano*. Lisboa: Pergaminho.

Vallejo-Nágera, A. (2003). *Os Adolescentes e os Pais*. Lisboa: Presença.

Velting, D. (1999). Personality and negative expectancies: trait structure of the Beck Hopelessness Scale. *Personality and Individual Differences*, 26, 913-921.

Vovelle, M. (1983). *La mort et l'occident de 1300 à nos jours*. Paris: Gallimard.

Weiner, I. (1995). *Perturbações Psicológicas na Adolescência*. Lisboa: F. C. Gulbenkian.

Referência completa deste artigo:

Oliveira, A., Amâncio, L. & Sampaio, D. (2004). Da desesperança ao desafio da morte... e à conquista da vida: Olhar sobre o adolescente suicida. *Psychologica*, 35, 69-83.

Referência da **tese de doutoramento**, donde deriva este artigo:

Oliveira, A. (2004). *Ilusões: A Melodia e o Sentido da Vida na Idade das Emoções – Representações sociais da morte, do suicídio e da música na adolescência*. *Tese de Doutoramento*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.

Referências (**livros**) mais recentes:

Oliveira, A. (2007). *Ilusões na Idade das Emoções - Representações Sociais da Morte, do Suicídio e da Música na Adolescência*. Lisboa: FCT/Fund. Calouste Gulbenkian.

(aguarda publicação em Novembro de 2007, na Col. de Textos Universitários em Ciências Sociais).

Oliveira, A. (2008). *O Desafio da Morte*. Lisboa: Âncora Editora.

(2ª edição, revista, actualizada e ampliada, edição prevista para o primeiro trimestre de 2008).

Abílio Oliveira

(abilio.oliveira@iscte.pt)